



PRÁTICAS MUSICAIS INCLUSIVAS NO PROJETO MUSICALIZAÇÃO UP: um relato de experiência

Alison dos Santos¹ e Helena Fagundes da Silva²

RESUMO

Este trabalho consiste no relato das aulas ministradas para pessoas com Síndrome de Down, no âmbito do programa Esperança Viva (EV) da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Musicalização UP). Tem como objetivo principal apresentar as ações desenvolvidas pelos monitores do referido projeto no período do semestre de 2019.2. Este trabalho pretende também refletir especificamente sobre os resultados obtidos na prática com os alunos da turma II (jovens e adultos), descrever as dificuldades apresentadas pelos alunos frente ao que era proposto durante as aulas e apresentar soluções para essas dificuldades. Os resultados obtidos, se deram a partir das práticas musicais e adaptação do ritmo de xote, desenvolvidos em sala de aula, tendo como consequência, a apresentação no recital de conclusão dos projetos de inclusão do EV.

PALAVRAS-CHAVE

Síndrome de Down; Musicalização; Práticas inclusivas; Jovens e adultos com Síndrome de Down.

Como citar este artigo?

SANTOS, Alison dos; SILVA, Helena Fagundes da. Práticas musicais inclusivas no Projeto Musicalização UP: um relato de experiência. *In: Encontro sobre Música e Inclusão*, 8., 2021, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2021. Tema: Como anda a Inclusão? Pessoas com necessidades educacionais específicas nos contextos não presenciais de Ensino. p. 60 – 75. Disponível em: <https://emi.musica.ufrn.br/>

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: tubaalison@hotmail.com.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: helena-fagundes1@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O nosso primeiro contato com pessoas com Síndrome de Down (SD) teve início no programa de extensão Esperança Viva (EV), coordenado pela profa. Catarina Shin Lima de Souza da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (SIGAA, 2019). Observando a oportunidade de obtermos o conhecimento necessário para nossa formação, enquanto alunos da graduação (Licenciatura em Música) e, como futuros docentes na área da Música e da Educação Inclusiva, decidimos participar de alguns projetos de inclusão ofertados pelo programa EV, sendo eles: o Grupo Esperança Viva (GEV), que inclui um curso de Musicografia Braille e Flauta Doce e o Coral Vivendo o Canto. Ambos têm, como público-alvo, pessoas com ou sem deficiência visual. Especificamente, o Som Azul trabalha com pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Já o Musicalização UP, trabalha com crianças e adultos com Síndrome de Down, sendo esse último, o foco do nosso trabalho.

Criado em 2015 pela professora e coordenadora Catarina Shin juntamente com alunos do curso de Licenciatura em Música, o projeto tem como objetivo musicalizar pessoas com Síndrome de Down através de brincadeiras, jogos e atividades musicais. Dessa maneira, estimulando o desenvolvimento dos alunos (informação verbal)³. Até o presente momento o Musicalização UP é composto por duas turmas, sendo a turma I, para crianças e a turma II, para jovens e adultos.

O presente trabalho foi fruto das observações realizadas durante os momentos de aulas, experiências que adquirimos até o presente momento e dos relatórios que escrevíamos no final de cada semestre. Ressaltamos que iremos expor apenas algumas dinâmicas trabalhadas em sala. O resultado aqui exposto teve como base todo o desenvolvimento alcançado pelos alunos da turma II, por meio das dinâmicas desenvolvidas e do padrão rítmico do xote durante o semestre 2019.2. O referido ritmo sofreu simplificação em sua estrutura rítmica, a fim de que pudéssemos torná-lo mais acessível, de acordo com o nível de aprendizagem de cada aluno. Atualmente, a turma II do Musicalização UP é formada por oito alunos com idades variadas. Escolhemos essa turma, por demonstrar mais dificuldades, frente à execução das propostas apresentadas em sala. Além disso, praticamente metade da turma não se comunicava oralmente, nem conseguia pronunciar com clareza pequenas frases. A partir de várias brincadeiras, atividades e jogos musicais, juntamente com algumas adaptações sempre que necessárias, eles começaram a desenvolver certas habilidades, tais como: atenção, memória, linguagem e percepção. Paiva, Melo e Frank (2019, p. 2), diz que,

³ Informação fornecida verbalmente pela professora e coordenadora Catarina Shin Lima de Souza no dia 08 de fevereiro de 2020.

O mais importante é descobrir que o sindrômico pode alcançar um bom desenvolvimento de suas capacidades pessoais e avançar crescentes níveis de realizações e autonomia. Sendo capaz de sentir, amar, aprender, se divertir e trabalhar. Em resumo, ele poderá ocupar um lugar próprio e digno na sociedade [...].

Quando nos inscrevemos para as vagas de monitores do EV, não tínhamos ideia sobre o que se tratava o programa em geral. Tínhamos apenas informações básicas, repassadas por colegas. De início, não sabíamos que o EV oferecia curso de musicalização para pessoas com TEA e pessoas com SD. Após passarmos por uma entrevista com a professora e coordenadora Catarina Shin, conseguimos as vagas para monitores. Em uma reunião com a coordenação e a nova equipe de monitoria, nos foi falado sobre os demais projetos citados anteriormente e seus objetivos. Visando o nosso desempenho acadêmico e profissional, juntamente com o desejo de abraçarmos a causa da inclusão, ingressamos no Musicalização UP, Som Azul, Coral Vivendo o Canto e Grupo Esperança Viva.

Não possuíamos nenhuma experiência na área inclusiva, tão pouco o conhecimento sobre o que seria a SD, nem mesmo um breve conceito. De início, decidimos apenas observar as primeiras aulas, para nos familiarizarmos com os alunos. Em seguida começamos a pesquisar sobre a SD e sobre suas causas. A fim de contribuir para um melhor planejamento, iniciamos nossas pesquisas em busca de brincadeiras e jogos que poderíamos utilizar. Após algumas aulas, compreendemos que poderíamos aplicar qualquer tipo de atividade, sem a necessidade de buscar práticas específicas para pessoas com SD. Entretanto, deveríamos adaptá-las, para tornar a execução mais prática e eficaz. Acerca disso, Candemil (2016) enfatiza que é diante das dificuldades dos alunos que o professor deverá propor métodos e adaptações de materiais, que possibilitem a inclusão dele nas atividades propostas, independentemente de sua deficiência. Desta maneira, o aluno terá a oportunidade de construir habilidades, não só musicais e motoras, mas também, habilidades que permitam construir caminhos para sua socialização, independência, desenvolvimento pessoal e do lado criativo.

2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN

Segundo o Ministério da Saúde (2012, p. 09-22), a Síndrome de Down ou Trissomia 21 (T21), como pode ser chamada, é uma alteração cromossômica permanente, que ocorre durante a divisão celular. Os indivíduos ditos "normais" possuem 46 cromossomos, no entanto, a pessoa com SD possui 47, tendo como consequência atraso no seu desenvolvimento.

Um dos fatos que nos chamou a atenção no Musicalização UP foi a facilidade que alguns alunos demonstraram para executar determinadas atividades. Isso nos mostrou que devemos buscar novas formas de aplicação e adaptações diferentes para cada um deles. Contudo, o que nossos alunos têm em comum é a baixa concentração. Esse é um fator que algumas vezes interfere no aprendizado dessas pessoas, demandando, assim, mais tempo para a aplicação das atividades. Para Alves e Andrade (2016, p. 237),

Cada criança com Síndrome de Down possui um ritmo de desenvolvimento intelectual diferente. Algumas aprendem a ler e a escrever mais rápido do que outras, demandando métodos que sejam ideais para cada uma. Além disso, elas apresentam um tempo de atenção menor, precisando ser estimuladas, desde o nascimento, a fim de que vençam suas limitações e amadureçam suas funções neurais, permitindo-as aprender e desenvolver seus potenciais.

Com base em nossa experiência, adquirida até o presente momento, é necessário que o professor tenha ao menos um breve conhecimento acerca dos limites e capacidades de seus alunos. Assim, terá a informação necessária para um planejamento alinhado às necessidades de seus discentes. Louro (2012, p. 43), destaca que,

Não existe, no campo da realidade, um guia de procedimentos padronizados para se lidar com desafios pedagógicos. No entanto, há caminhos e possibilidades para se alcançar resultados de boa qualidade musical inclusiva, contanto que o professor se prepare antecipadamente.

O projeto tem proporcionado, por meio de diversas atividades, o estímulo necessário para o desenvolvimento dos alunos com SD. Ao mesmo tempo, o Musicalização UP tem apresentado grandes desafios para nós. A nossa motivação, têm sido descobrir o nível de aprendizagem, as particularidades de cada aluno e aprender a lidar com elas.

Como citado anteriormente, as pessoas com SD possuem um ritmo de desenvolvimento diferenciado, alguns podem evoluir com mais facilidade. O mesmo, vale para o processo de aprendizagem. Para González e González (2007, p. 92) "Não podemos falar de um tipo de aprendizagens homogênea nos Down, pois existem diferentes tipos de aprendizagens, com alterações variadas de acordo com cada pessoa Down."

Percebemos no decorrer do semestre que "[...] os sujeitos com síndrome de Down sentem-se mais atraídos pelo visual do que pelo auditivo (GONZÁLEZ; GONZÁLEZ, 2007, p. 90)." Como meio de construirmos uma conexão direta com os objetos utilizados e explorarmos o recurso da visibilidade, sendo o meio mais eficaz de mantermos a atenção dos alunos, decidimos fazer uso de materiais táteis e visuais para aplicação das atividades. Dentre eles estão: pandeiras, clavas, guizos, triângulos, tambores, caxixis e reco-reco. Outros materiais que podem auxiliar são os apitos de madeira (que emitem o som do vento ou do trem),

imagens impressas, vídeos e slides. Assim, a compreensão do conteúdo pode se tornar mais fácil, dependendo do nível de estimulação que o aluno traz consigo.

Ainda sobre o processo de aprendizagem, outro ponto que detectamos é que “Estas crianças [e adultos] têm um poder considerável para imitação” (DOWN *apud* PUESCHEL, 2002, p. 48). São essas pequenas observações que temos usado para fazer com que os alunos absorvam os conteúdos musicais trabalhados ao longo do semestre.

A música tem proporcionado bem-estar das pessoas com SD. Através da música essas pessoas podem socializar, despertar sua criatividade composicional e obter maior independência em sua vida. Para Feijão (2018, p. 46), “[...] as atividades musicais ajudam e muito, crianças, jovens, [e] adultos, pessoas com necessidades especiais, a dominar melhor a sua mente, o seu corpo.”

Há muito a ser desvendado sobre a SD, principalmente sobre suas causas, que para muitos médicos e pesquisadores, se mantêm como um grande mistério. Paiva, Melo e Frank (2019, p. 02) complementam que “Isso [o nascimento de uma pessoa com SD] pode acontecer em todas as famílias independente de cor, raça, sem nenhuma relação com o nível cultural, social, ambiental, econômico dentre outras.” Cientificamente, ainda não sabemos com certeza o que leva ao nascimento de uma criança com SD. Tudo que temos são fatores que só respondem, parcialmente, nossas perguntas e dúvidas sobre a alteração cromossômica.

3 ROTINA DESENVOLVIDA PARA OS ALUNOS DO MUSICALIZAÇÃO UP

Quando iniciamos nossa colaboração no Musicalização UP, os monitores nos alertaram que no ano anterior, alguns pais não aprovaram as músicas infantis escolhidas para desenvolver as práticas na turma II. Embora essas músicas fossem mais fáceis de se trabalhar, não alcançavam o resultado esperado pelos pais, pois acabavam infantilizando os alunos. Tomando esse cuidado, resolvemos trabalhar com músicas para o público adulto, músicas essas que serão citadas posteriormente.

Com o intuito de envolver os pais, resolvemos convidá-los para participar de algumas aulas. Tanto nas atividades como nos ensaios, eles aprenderam e cantaram as músicas que seriam apresentadas no recital, enquanto seus filhos tocavam os instrumentos de percussão.

Segundo Feijão (2018, p. 53), “A repetição é vital na aprendizagem de qualquer pessoa, mas geralmente se necessita uma repetição mais frequente e durante um tempo mais longo para pessoas com síndrome de Down.” Com base nisso, é importante ressaltarmos que as práticas descritas abaixo foram reutilizadas durante o semestre 2019.2. Essa foi uma das maneiras que encontramos, para ampliar a capacidade de memorização dos alunos e

aprendizagem dos conteúdos. Pois, segundo Lima (2018, p. 43) a pessoa "com SD apresenta prejuízos tanto na memória de curto-prazo (MCP) como na memória operacional (MO)." Visando criar uma rotina, onde pudéssemos reaproveitar algumas dinâmicas e estimular a memorização dos alunos, seguimos sempre uma sequência e dividimos a aula em cinco momentos. Sobre o processo de repetição na aprendizagem musical e sua relevância, Wuyatack (2014, p. 09) enfatiza que,

A técnica de imitação é fundamental na aprendizagem musical. Sendo uma metodologia válida para alunos de qualquer idade e indivíduos não profissionais, torna-se essencial no ensino a crianças [...] a primeira etapa do processo de aprendizagem da música deverá ser a imitação, porque esta é uma maneira directa de aprender. É importante que o professor saiba realizar bem, e que os alunos saibam observar e ouvir, para depois imitar.

3.1 Primeiro momento

Fizemos a integração com a **Música de Acolhida**, de preferência, utilizando uma única música durante o semestre. A proposta consistiu em fazer com que nossos alunos socializassem durante a aula, tanto uns com os outros, como conosco. No semestre de 2019.2, trabalhamos com a música **O sol**, de Vitor Kley (LETRAS, 2020). Após algumas semanas, percebemos alguns alunos cantando partes já internalizadas, devido às repetições.

3.2 Segundo momento

Executamos as práticas/dinâmicas planejadas. Devido alguns alunos já possuírem a idade um pouco avançada e algumas vezes demonstrarem estar cansados, decidimos alternar as atividades, equilibrando o tempo em que permaneceriam sentados e em pé. Após a música de acolhida (em pé), aplicamos uma atividade em que eles possam permanecer sentados durante a execução, como por exemplo, **Como fazer ABC dos copos** (PALAVRA CANTADA, 2012). Escolhemos essa atividade por utilizar um objeto simples (copo), que todos conhecem, e nos dar a possibilidade de trabalharmos de forma individual, em dupla ou em grupo. Outro ponto que reforçou o interesse da equipe com relação a essa prática, é que a partir dela poderíamos trabalhar, além do pulso, concentração e principalmente a psicomotricidade, que para Fávaro (2014), "[...] é um instrumento valioso no processo de ensino aprendizagem para alunos com deficiência intelectual, pois torna a aprendizagem significativa e proporciona um desenvolvimento integrado entre corpo, mente e espírito."

Indicado pela coordenadora adjunta, Elizabeth Sachi Kanzaki Ribeiro (SIGAA, 2019), utilizamos o site Caixinha Musical afim de expandirmos as nossas possibilidades de práticas musicais. Nele, encontramos uma atividade que utilizava a dança **Alunelul** (CAIXINHA

MUSICAL, 2019). Em pesquisas realizadas no YouTube Rodríguez (2010) e Folkdance (2016) vimos que essa dança é trabalhada em círculo e com passos que se repetem ao longo da música. Ao vermos os passos nos vídeos, percebemos que sua execução seria complicada e cansativa para os alunos, primeiro, pelos passos serem de um nível bastante difícil e exigirem sincronia coletiva, e segundo, pelo fato de alguns alunos possuírem a idade avançada e menos resistência que os mais jovens. Com base na criadora do site Caixinha Musical, Celi Redondo, que fez uma abordagem diferente (utilizando colheres) para a aplicação, decidimos seguir o exemplo exposto no site, mudando apenas o material (utilizando clavas) e a forma de aplicação. Por se tratar de algo inédito e de uma cultura diferente e está exatamente alinhado com o assunto que seria trabalhado com a turma (pulso e andamento) decidimos que à utilizaríamos para a aplicação das dinâmicas. Alguns pontos que reforçaram a escolha dessa atividade é que sua melodia se repete ao longo da música, com um andamento lento, que aumenta gradativamente. Essa música também nos deu uma gama de possibilidades, para desenvolvermos outras práticas musicais como, por exemplo, o circuito de bambolês, atividade essa, que utilizamos para estimular os movimentos, noção de espaço e reforçarmos a lateralidade dos alunos.

3.3 Terceiro momento

Segundo Furlan, Moreira e Rodrigues (2008, p. 238) "Todo ser humano tem a necessidade de expressar-se corporalmente e a dança é uma forma para que o homem expresse suas emoções e sentimentos." Com base nisso, acrescentamos o momento chamado de **Música e Movimento**, como meio de estimular a expressão corporal e a criatividade da turma. Nesse momento, escolhemos músicas a serem reproduzidas. Em seguida explicamos aos alunos que eles poderiam brincar e dançar como quisessem. Para Sampaio (2005, p. 13), a "Música e Movimento propõe uma prática voltada para livre expressão e contribui para mudanças de atitudes; cultiva competências e habilidades numa verdadeira integração do fazer e sentir."

Uma das músicas escolhidas, no intuito de trabalharmos a oralidade dos alunos, foi **Ouvi Dizer**, de Melim (LETRAS, 2020), por sua introdução, que é composta pelas sílabas pa, ra, ôh (reforçando assim, a memorização e repetição). A pedido de um dos alunos, outra música foi **Chão de Giz**, de Zé Ramalho (ZERAMALHOVEVO, 2015).

Objetivando amenizar os problemas de coordenação causados pela SD, decidimos trabalhar nesse momento a música **Dança do Carimbó**, de Pinduca (BECKMAN, 2010), fizemos uso de coreografias e percussão corporal. Nesse terceiro momento, também aproveitamos para aplicar atividades que eles permaneçam em pé, mudando de posição com relação ao segundo momento, citado anteriormente. Para Tag (2015, p. 13),

É interessante ressaltar que a música é um ótimo instrumento para se trabalhar o movimento corporal, ao ouvir um som já estamos nos movimentando. E assim como ela pode ser utilizada em diferentes momentos serve também para realizar diferentes movimentos corporais, bem como explorar os sons que o corpo pode produzir.

Percebemos que explicações orais são menos eficazes para eles, então, procuramos explicar fazendo com que internalizassem a atividade a partir do corpo. Um exemplo disto é a atividade **Ginástica das Notas** (COROPOS, 2014). Escolhemos essa atividade por associar diretamente algumas partes do corpo com as notas musicais e suas respectivas alturas. Também trabalhamos atividades baseadas em brincadeiras já existentes. Uma delas é o **Passa-Passa** ou passa-bola, como decidimos chamar, (PALAVRA CANTADA, 2014). Nessa dinâmica, focamos em trabalhar pulso, lateralidade e concentração.

3.4 Quarto momento

Fizemos o ensaio visando o recital de conclusão dos projetos, e também, caso surgisse alguma demanda de apresentação da comunidade interna ou externa, por exemplo, ONGs, associações ou eventos inclusivos. Dessa maneira, podemos mostrar o resultado obtido por meio da musicalização de pessoas com SD.

Imagem 1 – Ensaio do repertório utilizando tambores



Fonte: Arquivo SEMBRAIN⁴ (2019)

[Descrição de imagem] Fotografia horizontal colorida em vista lateral de seis pessoas sentadas em cadeiras lado a lado. A três primeiras, à frente, tocam tambor, e de frente para elas, sentado, o monitor Alison dos Santos, com um tambor entre as pernas, gesticula. Mais adiante, outras três pessoas sentadas, e diante delas, de pé, uma mulher toca pandeiro. [Fim da descrição]

⁴ Setor de Musicografia Braille e Apoio a Inclusão (SEMBRAIN).

As principais músicas escolhidas para trabalhar nesse segundo semestre foram: **Esperando na Janela**, na versão de Falamansa (LETRAS, 2020) e **Eu só Quero um Xodó**, na versão de Dominginhos (LETRAS, 2020), ambas, com padrão rítmico adaptado do xote. Escolhemos essas músicas, a partir do **Música e Movimento**, momento em que elas foram apresentadas a turma pela primeira vez em sala de aula. Os alunos gostaram muito das músicas e os pais elogiaram bastante o repertório. Com isso, decidimos trabalhá-las para nossas próximas apresentações.

Como mencionado anteriormente, realizamos uma adaptação do padrão rítmico do xote, para que a execução e o entendimento se tornassem mais simples por parte dos alunos. Para essa aplicação, utilizamos apenas a voz grave da zabumba. A divisão foi trabalhada primeiramente com palmas, e nós, monitores, sempre ficávamos à frente de cada aluno, para que dessa maneira, eles pudessem nos imitar, internalizar e associar o que estava sendo repassado. Objetivando tornar a estimulação mais precisa, contávamos 1,2 e 3. Escolhemos essa contagem, por ser a que mais se assemelha a divisão rítmica usada em nossa adaptação. A fim de impulsionar ainda mais o desenvolvimento, outros ritmos foram utilizados, como é o caso do baião e da valsa. Após internalizarem o xote, partimos para o uso dos instrumentos de percussão, nesse caso, os tambores. O processo ocorreu de forma lenta e sendo necessárias várias repetições. Durante os ensaios, mostrávamos o modo como deveriam tocar e segurar a baqueta, mais uma vez, fazendo uso da imitação.

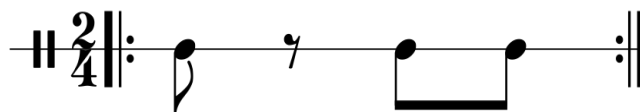
Figura 1 – Padrão rítmico do Xote



Fonte: Rocha (p.49).

[Descrição de figura] Partitura de um único compasso em dois por quatro, sem altura definida, entre ritornelos, com cinco figuras musicais. As três primeiras, ligadas entre si, são uma colcheia escrita no primeiro espaço, uma semicolcheia escrita na terceira linha, e uma semicolcheia escrita no primeiro espaço; as outras duas são colcheias escritas no primeiro espaço. [Final da descrição]

Figura 2 – Padrão rítmico adaptado



Fonte: Os autores (2020)

[Descrição de figura] Partitura rítmica de um único compasso em dois por quatro, entre ritornelos, com quatro figuras musicais: Uma colcheia, uma pausa de colcheia, e duas colcheias juntas. [Final da descrição]

3.5 Quinto momento

Finalizamos a aula com uma **Música de Encerramento**, neste caso, a paródia **Sou UP Total**, criada pelos monitores a partir da música **Tchau I Have to go Now**, de Jammil e Uma Noites (LETRAS, 2020). Criamos uma coreografia para nossa paródia, com passos simples, como girar em torno de si mesmo, pular e fazer formas com as mãos (coração, casa, entre outras). Como meio dos alunos tocarem uns aos outros, formávamos um trem humano. Após darmos algumas voltas pela sala, direcionávamos os alunos para a saída.

4 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS MUSICAIS

4.1 Como fazer ABC dos copos

A atividade consiste em bater com os copos no chão ou em uma mesa de forma ritmada, usando partes diferentes dos copos para produzir sons. Baseada na atividade do grupo Palavra Cantada, utilizamos a brincadeira dos copos, primeiramente, para marcar o pulso. Após algumas repetições começamos passar o copo, da esquerda para direita, mas sempre respeitando o pulso. Sempre enfatizávamos a frase **passa copo**, para que assim os alunos não perdessem a referência ou o tempo em que deviam passar o copo. Algumas vezes trabalhamos com eles sentados no chão, em outras ocasiões, convidávamos os pais para realizarem a atividade juntamente com seus filhos. Nesse caso, os pais e os alunos permaneciam sentados nas cadeiras porém, utilizávamos pequenas mesas que ficavam entre eles, para que assim pudessem passar os copos um para o outro.

4.2 Música Alunelul

Durante a prática trabalhávamos apenas com palmas, para que assim eles associassem diretamente ao corpo o que deveria ser feito posteriormente com o uso de um instrumento. Após esse processo de internalização passamos a utilizar as clavas. Como meio de adaptação, dividimos a música em dois momentos. No primeiro, os alunos tocavam duas vezes seguidas no momento indicado por nós, monitores, (duas colcheias). No segundo eles marcavam o pulso (semínima).

4.3 Circuito de Bamboles com a Música Alunelul

Nesta atividade, usávamos três bamboles enfileirados e induzíamos os alunos a passarem de um para o outro no tempo forte da música **Alunelul**. Durante a execução, um monitor ficava de frente para o aluno dando a referência do momento em que deveria passar. Eles passavam pelos bamboles dando passos de um lado para o outro e depois para frente e para trás. Aqueles alunos que apresentavam maiores dificuldades de coordenação contavam com o auxílio de mais de um monitor. O segundo monitor apoiava a mão no ombro do aluno e indicava para que lado ele deveria ir.

4.4 Dança do Carimbó

Nessa música, eram formadas duas filas, organizadas uma de frente para outra. De acordo com a música, fazíamos passos simples, como jogar as mãos para cima, para baixo e dar um passo à frente. Em determinados trechos, toda a turma deveria bater palmas e logo em seguida o pé. Na parte instrumental, induzíamos os alunos a dançarem livremente.

4.5 Ginástica das Notas

Pedíamos para que todos ficassem de pé e a atividade iniciava sempre com a indicação da nota dó (mãos nos pés), ré (mãos nos joelhos), mi (mãos nas coxas), fá (mãos na cintura), sol (abraçando-se), lá (mãos nos ombros), si (mãos na cabeça) e dó (mãos para cima). Para referência de altura, utilizávamos o piano.

4.6 Passa-Passa

Pedimos para que os alunos formassem um círculo, para que pudessem passar a bola um para o outro seguindo o pulso indicado por um monitor. Após algumas repetições no sentido horário, mudamos para o sentido anti-horário. À medida que os alunos iam conseguindo passar a bola com mais facilidade, mudávamos a forma de passar. Ainda em círculo, pedíamos para ficarem um atrás do outro. Nessa posição, eles passavam a bola por cima da cabeça, entregando-a para o aluno de trás, depois para o aluno da frente e por último, passando a bola entre as pernas, entregando-a ao aluno de trás novamente.

5 RESULTADOS

Com base nas práticas desenvolvidas com a turma II do Musicalização UP, observamos que houve resultados significativos. Os alunos tiveram melhora na coordenação, na oralidade, na socialização, na percepção e nos movimentos livres durante as danças. Foi surpreendente a criatividade de cada um. Um exemplo disto é o aluno A, que quando trabalhamos a música Dança do Carimbó, pulava apenas com um pé, induzindo os outros a tentarem o mesmo passo. Alguns conseguiram sozinhos depois de algumas vezes, enquanto outros apoiavam-se em nós para conseguir pular. Foi bastante interessante ver como eles interagiram nesses momentos.

Também demonstraram mais domínio sobre a pulsação, ou seja, os alunos agora conseguem manter por mais tempo o pulso e o ritmo de xote ensaiado durante o semestre. Hoje, já não existe problema de socialização entre eles. Ao início de cada aula, eles se abraçam e se cumprimentam. Outro exemplo que podemos citar neste contexto é o aluno B, que costumava passar a aula toda sentado com seu violão. Em uma das vezes que trabalhamos a Dança do Carimbó, o aluno B chamou a monitora Adriana para dançar.

A oralidade foi outro fator que se desenvolveu nessa turma, sobretudo com a aluna C, que mesmo apresentando dificuldades, já consegue pronunciar pequenas palavras. Dos nossos alunos, ela era a que mais demonstrava dificuldade em executar o que era proposto. Para essa aluna precisávamos dar uma atenção maior, para explicar o que deveria ser feito, sendo necessário, algumas vezes, segurar em sua mão para tocar o tambor. Surpreendentemente, assim como os outros alunos, ela internalizou o ritmo de xote, conseguindo tocar sozinha durante toda a música apenas observando um dos monitores tocando a frente.

Outro resultado importante foi o recital de conclusão dos projetos de inclusão do EV. A apresentação foi realizada no Auditório Onofre Lopes da EMUFRN. Os alunos do Musicalização UP apresentaram as duas músicas que estávamos ensaiando durante as aulas: "Esperando na Janela" e "Eu só Quero um Xodó". A apresentação ainda contou com a participação dos pais, que desde o início do semestre 2019.2 estavam participando dos ensaios.

Para nós monitores, foi emocionante, ver que cada um teve a oportunidade de mostrar seu desenvolvimento. Para os pais, foi uma realização. Muitos se emocionaram ao verem seus filhos no palco, mostrando que possuem capacidade para aprenderem muito mais.

Imagem 2 – Apresentação da turma II no recital de conclusão



Fonte: Arquivo SEMBRAIN (2019)

[Descrição de imagem] Fotografia horizontal colorida de do palco do auditório Onofre Lopes. À frente de costas, de pé, um homem tocando zabumba. Mais atrás, de frente, cinco alunos sentados em cadeiras lado a lado tocando tambor. Atrás da aluna da ponta esquerda, um homem sentado tocando violão, e mais atrás, à direita, seis pessoas de pé. Na ponta direita, uma mulher com menino de pé, e outra mulher de pé de braços cruzados. [Fim da descrição]

Foi observando essa turma, que tivemos a certeza de que não importa a deficiência ou suas particularidades, todos podem despertar ou otimizar suas habilidades. O que essas pessoas precisam é da confiança e apoio dos pais, familiares, amigos, profissionais da área e professores que acreditem em seu potencial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A síndrome de Down pode ocasionar diversos problemas de saúde e atraso no desenvolvimento das pessoas. Contudo, vale ressaltar que através de atividades, brincadeiras e jogos musicais, podemos proporcionar a evolução de habilidades latentes. Além disso, os momentos de aulas possibilitam lazer e segurança para os alunos.

Este trabalho tratou de expor o desenvolvimento alcançado por meio das práticas musicais e a adaptação do ritmo de xote, trabalhado durante o semestre de 2019.2 na turma II. Resultando ainda, na apresentação de duas músicas, no recital de conclusão dos projetos de inclusão do Programa Esperança Viva, no dia 11 de dezembro de 2019. Enfatizamos ainda que outro ponto importante foi o envolvimento dos pais nas atividades. Mantê-los próximos

aos seus filhos é crucial, pois, muitas vezes por saberem do que se trata e como se executa a atividade, eles poderão auxiliá-los em casa.

O Esperança Viva, por meio da monitoria, tem proporcionado o espaço para o nosso crescimento pessoal e profissional. Nele, temos a oportunidade de elaborar planos de aula e adaptações de materiais tornando-os acessíveis, não apenas para nossos alunos com SD, mas também, para os alunos com autismo e os com deficiência visual. Toda experiência obtida até o presente momento, pôde ser somada ao conhecimento que estamos absorvendo em nossa graduação. Além disso, estamos aproveitando o conhecimento adquirido, para desenvolvermos trabalhos acadêmicos no decorrer de nossa formação. Temos ciência que ao final de nossa formação, teremos experiência suficiente para atuarmos com mais segurança na área da Educação Inclusiva.

Ainda há um mundo a ser descoberto dentro dos projetos do Programa Esperança Viva, um mundo rico em humildade, afeto, experiência e empatia para com as dificuldades dos componentes. São essas dificuldades e obstáculos que nos mostram que sempre podemos fazer algo a mais pelo próximo, que sempre podemos contribuir, para que o mundo seja um lugar melhor para todos, independentemente de suas particularidades. Isso nos mostra que podemos construir um mundo mais acolhedor e inclusivo.

Essa experiência tem nos proporcionado a autonomia necessária, para atuarmos no campo da Educação Musical Inclusiva com mais segurança e sensibilidade, além disso, têm nos tornado mais experientes, acima disso, mais humanos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Maria Lúcia Vale; ANDRADE, Débora. Educação Musical e Síndrome de Down: Pequeno Perfil Docente. In: CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA, INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO, 1., 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFSJ, 2016.

BECKMAN, Thomas. Pinduca – a dança do carimbó. Disponível:
<https://youtu.be/svUhydae2kl>. Acesso em: 04 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à pessoa com síndrome de Down**, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília, DF, 2012. p. 09-21.

CAIXINHA MUSICAL. **Brincadeira musical dança Romena**. Disponível em:
<http://caixinhamusical.com.br/brincadeira-musical-danca-romena/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CANDEMIL, Luciano da Silva. A aplicação do método TUBS para alunos com deficiência intelectual e Síndrome de Down: um relato de experiência. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM, 17., 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UDESC, 2016.

COROPOS, Mônica. **Ginástica das notas** (Mônica Coropos). Disponível em:
<https://youtu.be/Gr97zlv-04E>. Acesso em: 04 fev. 2020.

FÁVARO, Márcia Salles. Psicomotricidade como um auxílio no processo de ensino e aprendizagem. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2014. v.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_artigo_marcia_salles_favaro.pdf. Acesso em 10 fev. 2020. ISBN 978-85-8015-080-3

FEIJÃO, Brenda Wanda Dias Chagas. **Estímulos musicais para o desenvolvimento de habilidades motoras em alunos com síndrome de Down**. Natal, 2018. 72f. Monografia (Licenciatura em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FOLKDANCE, Tucson. **Alunelul**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r4pSNZPM5pM>. Acesso em: 22 mar. 2020.

FURLAN, Suellen; MOREIRA, Vanessa Aparecida Vieira; RODRIGUES, Graciele Massoli. Esquema corporal em indivíduos com síndrome de down: uma análise através da dança. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Jundiaí, v. 7, n. 3, p. 238. 2008.

GOZÁLEZ, Eugenio; GONZÁLEZ, Maria del Pilar. Síndrome de Down: Aspectos Evolutivos e Psicoeducacionais. In: GONZÁLEZ, Eugenio (Org.). **Necessidades educacionais específicas**: Intervenção psicoeducacional. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 90-92. Daisy Vaz de Moraes.

LETRAS. Esperando na janela. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/falamansa/891830/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

LETRAS. Eu só quero um xodó. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dominguinhos/357861/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

LETRAS. O sol. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vitor-kley/sol/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

LETRAS. Ouvi dizer. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/melim/ouvi-dizer/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

LETRAS. Tchau, I Have To Go Now. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jammil-e-uma-noites/1281735/>. Acesso em 05 fev. 2020.

LIMA, Susana Maria Cardoso da costa. **A memória de curto-prazo e a Síndrome de Down**: a relação entre contextos de desenvolvimento. Natal, 2018. 91f. Tese (Psicobiologia). Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia.

PAIVA, Camila Foss; MELO, Camila Menezes, FRANK, Stéphanie Paese. **Síndrome de Down**: etiologia, características e impactos na família. Disponível em: <https://facsapaulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/ed2/11.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2019.

PALAVRA CANTADA OFICIAL. Como fazer ABC dos copos. Disponível em: <https://youtu.be/fFo1i8EIS74>. Acesso em: 04 fev. 2020.

PALAVRA CANTADA OFICIAL. Passa-Passa. Disponível em: <https://youtu.be/gPWqOEh68NY>. Acesso em: 04 fev. 2020.

ROCCA, Edgard Nunes. **Ritmos brasileiros e seus instrumentos de percussão**. Escola Brasileira de Música. p. 49.

RODRÍGUEZ, Begodanzas B. **29. Alunelul. Rumanía**. Disponível em: https://youtu.be/59oTVRV_1gU. Acesso em: 12 fev. 2020.

SAMPAIO, Lia. **Música e movimento, expressão e criatividade**. 3. ed. Manaus: Color Graf - Artes Gráficas, 2005. p. 13.

SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS. Disponível em: https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/extensao/consulta_extensao.jsf. Acesso em: 29 jan. 2019.

TAG, Marta Terezinha. **Som e Música: o corpo em movimento**. Lajeado, 2015. 40f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Centro Universitário UNIVATES.

WUYTACK, Jos; PALHEIROS, Graça Boal. **Pedagogia musical 2**. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical, 2014. 96 p. ISBN: 9789729929779.

ZERAMALHOVEVO. Zé Ramalho – Chão de giz (ao vivo). Disponível em: <https://youtu.be/FBMMNBOXins>. Acesso em: 04 fev. 2020.